

Depoimento sobre certas atitudes de Marco Oliveira Borges – Epílogo

Tendo estado vários dias sem abrir o meu mail, ao fazê-lo hoje deparei com uma inflamada resposta de Marco Oliveira Borges, no seu blog «Sintra e Cascais», ao depoimento que, no dia 1 do corrente mês, fui levado a fazer sobre este singular personagem.

Oliveira Borges está, aparentemente, convicto das suas razões e considera normais os seus comportamentos. Não vale pois a pena rebater um a um os seus argumentos nem tentar esclarecê-lo. Apenas direi que Raul Losada falou connosco e obteve a nossa concordância antes de publicar o seu texto sobre o Alto da Vigia no «Portugal Romano», cumprindo assim as atendíveis regras deontológicas; e que, pese embora o algo “apressado” Artigo 15.º do Decreto-Lei n.º 270/99, de 15 de Julho, faz parte dos mais elementares princípios de educação e boa convivência académica contactar os autores dos relatórios arquivados na DGPC ante de os consultar **para fins de publicação de dados**, e mais ainda se existe um relacionamento pessoal prévio entre ambas as partes, mesmo que sumário. Pelo menos tem sido esse o meu habitual comportamento em idênticas situações, e o da larga maioria dos colegas que conheço.

Acontece que, se Oliveira Borges está convicto das suas razões, não estou eu menos convicto das minhas e do juízo que faço sobre este aludido investigador. Não deixa, aliás, de ser curioso que os arqueólogos responsáveis pelos trabalhos arqueológicos do Alto da Vigia – os tais de «disponibilidade sempre demonstrada» – pensem exactamente o mesmo do que eu acerca de Oliveira Borges... Simples coincidência? Comum distorção de perspectiva? Conjunta má-vontade, esquizofrenicamente oposta à dita «disponibilidade sempre demonstrada»?

Quem terá razão, afinal de contas? Quem estiver de fora poderá julgar com equidade e completa isenção. Para mim, pois, basta-me plenamente confiar no discernimento dos leitores de ArchPort, dos meus colegas, ex-alunos e de todos quantos possam confrontar, por conhecimento próprio, as nossas diferentes “filosofias comportamentais” – as minhas e as de Oliveira Borges – e o diverso tratamento das fontes que fazemos nas nossas publicações.

Não considerando útil continuar esta polémica, visto que todos os potenciais interessados decerto se encontrarão já inteiramente esclarecidos, declaro aqui formalmente que não voltarei a lançar lenha para esta fogueira, mesmo que Oliveira Borges entenda nela derramar azeite.

Vale!

José Cardim Ribeiro

Colares, 10 de Julho de 2020